

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672555231>

EDITORIAL / APRESENTAÇÃO

EDITORIAL / PRESENTATION

EDITORIAL / PRÉSENTATION

EDITORIAL / PRESENTACIÓN

**DOSSIÊ “A DISCORDÂNCIA DOS TEMPOS:
DANIEL BENSAÏD E A CRÍTICA SOCIAL CONTEMPORÂNEA.”**

*DOSSIER “THE DISCORDANCE OF THE TIMES: DANIEL BENSAÏD
AND CONTEMPORARY SOCIAL CRITICISM.”*

*DOSSIER «LA DISCORDANCE DES TEMPS: DANIEL BENSAÏD ET LA
CRITIQUE SOCIALE CONTEMPORAINE.»*

*DOSSIER “LA DISCORDANCIA DE LOS TIEMPOS: DANIEL BENSAÏD Y
LA CRÍTICA SOCIAL CONTEMPORÂNEA.”*

*Henrique Amorim**

 <https://orcid.org/0000-0002-0715-9191>

*Leandro Galastrí***

 <https://orcid.org/0000-0002-6218-1113>

RESUMO: Daniel Bensaïd, cujo falecimento completou dez anos em 2020, é autor de obra notória por contribuições originais ao materialismo histórico. Ao propor este dossiê em sua homenagem, consideramos, ao mesmo tempo, atender as necessidades contemporâneas de renovação do pensamento social crítico. Como introdução às contribuições de colegas estudiosos do pensamento de Bensaïd, oferecemos também uma reflexão inicial sobre a questão geral das classes sociais na obra do filósofo francês.

Palavras-chave: Daniel Bensaïd; revolução; classes sociais; Marx; Capital.

* Doutor em Ciências Sociais; Professor Associado de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Campus Guarulhos, Guarulhos, SP, Brasil; E-mail: henriqueamorim@hotmail.com

** Doutor em Ciência Política; Professor Associado Livre-Docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Campus de Marília, Marília, SP, Brasil; E-mail: leandrogalastr@gmail.com

ABSTRACT: Daniel Bensaïd, whose death completed ten years in 2020, is the author of a notable work for original contributions to historical materialism. In proposing this dossier in his honor, we consider, at the same time, meeting the contemporary needs for the renewal of critical social thinking. As an introduction to the contributions of experts in Bensaïd’s thought, we also offer an initial reflection on the general question of social classes in the work of the French philosopher.

Keywords: Daniel Bensaïd; revolution; Social classes; Marx; Capital.

RÉSUMÉ: Daniel Bensaïd, disparu il y a dix ans en 2020, est l’auteur d’un ouvrage remarquable pour des contributions originales au matérialisme historique. En proposant ce dossier en son honneur, nous considérons, en même temps, répondre aux besoins contemporains de renouvellement de la pensée sociale critique. En guise d’introduction aux apports des experts à la pensée de Bensaïd, nous proposons également une première réflexion sur la question générale des classes sociales dans l’œuvre du philosophe français.

Mots-clés: Daniel Bensaïd; révolution; Classes sociales; Marx; Capitale.

RESUMEN: Daniel Bensaïd, cuya muerte cumplió diez años en 2020, es autor de una obra notable por sus aportaciones originales al materialismo histórico. Al proponer este dossier en su honor, consideramos, al mismo tiempo, satisfacer las necesidades contemporáneas de renovación del pensamiento social crítico. Como introducción a las aportaciones de expertos en el pensamiento de Bensaïd, ofrecemos también una primera reflexión sobre la cuestión general de las clases sociales en la obra del filósofo francés.

Palabras-clave: Daniel Bensaïd; revolución; clases sociales; Marx; Capital.

1. APRESENTAÇÃO

Em janeiro de 2020 completaram-se dez anos da morte de Daniel Bensaïd, um dos mais importantes filósofos marxistas contemporâneos. Realizador de uma obra marcada por contribuições originais à ampla tradição do materialismo histórico, consideramos que a proposta de um dossiê sobre seu pensamento contempla as

necessidades atuais de renovação do pensamento social crítico, tanto na academia quanto fora dela.

Intelectual representante do pensamento crítico na cena acadêmica francesa das últimas décadas (Bensaïd era professor titular da Universidade de Paris VIII – Saint-Denis), teve alguns de seus trabalhos traduzidos no Brasil, como “Marx, o intempestivo” (Civilização Brasileira, 1999), “Os irreduzíveis” (Boitempo, 2008) e “Espetáculo, fetichismo, ideologia” (Plebeu Gabinete de Leitura, 2013). Já nos estertores do século XX, uma de suas elaborações teóricas mais interessantes foi a da “*discordância dos tempos*” (“La discordance des temps: essais sur les crises, les classes, l’histoire”, Paris, Les Éditions de la Passion, 1995), ou das diferentes temporalidades históricas. Propunha uma nova escrita da história, que seria simultaneamente uma nova “*escrita e uma nova escuta do tempo*”. Para ele, o tempo se concretizaria na existência dos espaços sociais. Sem a separação dicotômica entre tempo e espaço, sustenta, citando Hegel, que o “*tempo é a verdade do espaço*”. Assim, a existência dos diversos espaços sociais representaria a ocorrência das diferentes temporalidades concomitantes da história, um conjunto repleto de fraturas pelas quais escaparia “*um turbilhão de ciclos e espirais, de revoluções e restaurações*”. Ora, tratar a história como o conjunto de suas diversas temporalidades seria, de certa forma, tratar sempre do presente. E qual seria o lugar da política? Se o que está em causa são os desfechos possíveis do presente, a história é superada pela política. O presente deixaria, portanto, de ser um momento da continuidade temporal e se tornaria um embate pela seleção de possibilidades.

Neste sentido, uma das possibilidades de abordagem do presente, para Bensaïd, seria aquela que vê a reprodução da sociedade capitalista como uma espécie de “círculo vicioso”, expressão tomada de empréstimo a Marcuse. O autor alemão formula a noção de “*círculo vicioso da dominação*” a partir de sua análise da sociedade de consumo de massa na década de 1960, o que considera ser a “*sociedade tecnológica*”. Esta sociedade forneceria a satisfação virtualmente plena das necessidades e desejos dos indivíduos porque conseguiria forjar ela mesma essas necessidades e desejos. Em suma, ela criaria as necessidades adequadas a serem satisfeitas

e assim consolidaria a dominação por meio do consenso, numa aparência de mais ampla liberdade possível. Não necessitaria, assim, reprimir com força física os desejos que ela mesma cria, controla e satisfaz. Os indivíduos mover-se-iam, aqui, no interior de um círculo de dominação totalitária, unidimensional. Como complemento desse círculo vicioso hegemônico, Bensaïd aponta a divisão capitalista do trabalho, que oporia os subalternos uns aos outros: desempregados contra aqueles que têm emprego, nacionais contra imigrantes, homens contra mulheres, jovens contra velhos. Enfim, uma hegemonia que se consolidaria também pela reprodução cotidiana e impositiva do discurso unificado, pelo enquadramento ideológico das perspectivas de mudança nos limites do horizonte burguês, ou seja, da propriedade privada e do individualismo competitivo. Discurso unificado que aprofundaria as raízes da dominação nos costumes aprendidos em família, na escola, no trabalho, que ensejam a submissão. Eis, portanto, a função estratégica da crítica social: romper aquele *“círculo vicioso da dominação”*.

Tal abordagem crítica da sociedade contemporânea é desenvolvida levando em consideração a necessidade de se evitar os riscos teóricos e práticos do pensamento dogmático, bem como daquele raciocínio preso aos cânones positivistas de uma “objetividade” cientificista. Este “alerta” epistemológico está presente de forma estratégica nas elaborações teóricas de Bensaïd, informando seus olhares em relação ao tempo, ao espaço, à questão das classes sociais, ao dinamismo e fluidez das relações sociais e políticas.

Pelas razões expostas acima, consideramos que o dossiê sobre Daniel Bensaïd, para além da efeméride em questão, se coloca em diálogo com as necessidades contemporâneas de reafirmação do pensamento crítico. Alguns temas centrais para esta reafirmação - como a teoria do valor, a teoria das classes sociais, as novas formas de exploração do trabalho e suas consequências para os trabalhadores, as novas formas possíveis de organização política das massas subalternas - são protagonistas nas reflexões de Daniel Bensaïd e é justamente sobre a relação geral entre cada um deles e a forma em que são desenvolvidos nas obras de Bensaïd é que tratarão os artigos componentes desta proposta.

1.1. Uma reflexão introdutória sobre as classes sociais em Daniel Bensaïd

Dentre as inúmeras perspectivas em que o pensamento de Daniel Bensaïd pode contribuir para a reflexão teórica e política sobre nossa obscura contemporaneidade, vamos introduzir o tema geral das classes sociais para darmos o passo inicial deste dossiê (de que tratará adiante, de forma mais específica, o artigo de Cinzia Arruzza e Patrick King).

Para Bensaïd, do ponto de vista do materialismo histórico, não existe uma concepção sociológica classificatória das classes sociais, mas uma concepção estratégica de classe, realizada a partir da própria luta de classes. Segundo ele, em Marx, a noção de classe não seria redutível a um atributo de que seriam portadores os indivíduos que a compõem, nem à soma desses indivíduos. A classe seria uma totalidade relacional, e não uma simples soma (Bensaïd, 1999, p.147). A classe existiria somente em relação conflituosa com outras classes, revelando-se assim “no e pelo movimento do capital” (Idem, p. 153). Assim, a ideia de classes pressuporia o conflito, a luta e o antagonismo. Segundo Bensaïd, a apresentação, n’O Capital, da teoria do valor-trabalho e da mais-valia, corresponderia já a uma abordagem teórica das classes sociais, o que ocorreria na medida em que tal apresentação expõe a relação antagonônica de exploração, embora falem ainda, nesse caso, algumas mediações para se chegar à classe plenamente determinada (Idem, p.154). A lógica desse percurso se cumpre, então, no Livro III, ao tratar do “processo de produção global”.

A partir de então, tem-se que cada capitalista individual, da mesma forma que o conjunto dos capitalistas, participa da “exploração de toda a classe operária pelo conjunto do capital e no grau dessa exploração”, participa da exploração global da classe operária, assim como o conjunto dos capitalistas. Citando Marx, Bensaïd deixa claro sua concepção relacional das classes sociais, para o qual o metabolismo da concorrência está pressuposto pela exploração na forma de uma “taxa média de lucro”, na determinação do trabalho socialmente necessário (Idem, p.160):

O Livro III de O capital aborda o processo global da produção (e da reprodução) capitalista. Não se trata simplesmente de acompanhar o percurso de um capital abstrato e único ao longo de suas metamorfoses, e sim de compreender o movimento conjunto de múltiplos capitais em concorrência no mercado. É apenas nesse nível, mais concreto, que as relações de classes aparecem como o conflito entre o “trabalhador global” e o “capitalista global” (Bensaïd, 2013, p. 60) .

Argumenta o filósofo francês que grande parte dos “autoproclamados” herdeiros de Marx seriam não mais que “classificadores” ao manejar o tema das classes sociais, dada a dificuldade em compreender a originalidade de Marx no assunto e a confusão que empenderiam com frequência nas discussões sobre classes, castas, ordens, etc. (Bensaïd, 1995, p. 107). A classe enquanto “relação” seria, sobretudo, a “expressão social coletiva do fato da exploração e, naturalmente, da resistência a esse fato” (Idem, p.111). A classe não seria, portanto, um dado estrutural inerte. A “resistência” seria constitutiva de sua determinação.

Tal abordagem ficaria mais clara atentando-se para o contexto do debate franco-anglo-saxão, que oporia os partidários de uma determinação estrutural das classes (alusão à leitura estrutural do marxismo representada principalmente por Althusser e o “primeiro” Poulantzas) aos defensores de um “primado da ação” (experiência vivida, preferências) influenciados pelos escritos do historiador britânico E.P. Thompson a respeito da formação da classe operária britânica (Idem, p.111)

As classes sociais, portanto, não são categorias sociológicas como as categorias socioprofissionais. Elas se manifestam por meio de seus diversos antagonismos. Isso não significa, porém, que todo conflito social, como as opressões e dominações, possa ser remediado, sem mediações, à exploração do trabalho pelo capital (Bensaïd, 2009, p. 98). Mas, no interior da sociedade capitalista, todas as formas de discriminação estão associadas às relações de classe. Essas relações são determinadas, em suas características cruas, pela combinação da extorsão da mais-valia, da organização e da divisão do trabalho, da distribuição da renda social e das formas de repro-

dução da força de trabalho em todas as esferas da vida social. As classes, assim, não são uma soma de indivíduos que preenchem funções sociais análogas em concorrência uns com os outros, mas como grandes grupos de indivíduos que podem se reunir por um interesse comum. As classes existem na luta e pela luta.

Em que pese o fenômeno não negligenciável da mobilidade social, coletivamente os papéis de grandes grupos sociais estão solidamente distribuídos e perpetuados pelos mecanismos da reprodução social: a família, a educação, a mídia. Não se pode fugir em massa da condição de trabalhadores. O proletariado moderno continua representando, atualmente, entre dois terços e três quartos da população economicamente ativa. A taylorização do trabalho avança no setor de serviços expostos à desregulamentação e à pressão imediata da demanda (Idem, p.100), da mesma forma em que “a contrarreforma liberal desmantela metodicamente o direito ao trabalho e os sistemas de proteção social para coagir os trabalhadores a aceitar condições de salário e emprego cada vez mais retrógradas” (Bensaïd, 2013, p. 55). Fato é que os que vendem sua força de trabalho, manual ou intelectual, nunca foram tão numerosos.

Para Bensaïd, em todo caso, para fins de organização política, dois fenômenos contrariam a tendência à extensão da camada assalariada explorada: a tendência ao desemprego de massa, que reduz os efetivos do proletariado empregado (e deteriora as relações de força sociais) e a formação de novos círculos de assalariados “integrados” à hierarquia ou disponíveis à cooptação social (na alta administração pública e privada, ou na rede de pequenas empresas ligadas às novas tecnologias) (Idem, p. 100). Mas são, principalmente, a redução do tamanho das empresas, a dispersão das estruturas das empresas, o reaparecimento do trabalho a domicílio, enfim, a multiplicação dos trabalhos intermitentes e precários que fornecem a ilusão de um rápido desaparecimento da classe trabalhadora.

A ilusão permanece. Enquanto a análise em termos de classes sociais dominou as Ciências Humanas nos anos 1960-1980, o enfraquecimento da organização da classe operária ligada às metamorfoses do trabalho provocou um deslocamento do debate da questão das desigualdades para a problemática das “exclusões”. Porém, sa-

lienta Bensaïd, enfatizando o tema da “exclusão”, esquece-se sua ligação estreita com o tema da “exploração”. Como de costume afirmando claramente sua tomada de partido prática e teórica, ele afirma que “o problema é o da reconstrução, nas lutas e nas palavras, de uma visão de mundo em termos classistas” (Idem, p. 101).

Submetidos ao discurso do “fim do trabalho” e da suposta desimportância contemporânea da perspectiva das classes sociais, milhões de operários tornam-se invisíveis para a classe política, mas periodicamente a relembram de sua existência por meio das mobilizações contra o desemprego e por melhores salários e condições de trabalho. Relembram-nos constantemente do lugar central da classe trabalhadora no mecanismo da produção capitalista, sua capacidade de bloqueá-lo se, eventualmente, cruzar os braços.

A proletarização do mundo continua. Os efeitos desiguais da mundialização ultraliberal não se traduzem, apenas ou necessariamente, na formação de um proletariado assalariado clássico, mas também pela “massificação de uma nova plebe que sobrevive no setor dito informal, frequentemente nas periferias caóticas das megalópoles” (Idem, p. 103). A questão principal não é, portanto, do desaparecimento das classes, mas das metamorfoses do assalariamento, das incertezas sobre o futuro desses trabalhadores, das lutas onde se podem construir novas representações. Nesse sentido, um questionamento contemporâneo seria

em que condições a ruptura que se verifica entre o movimento social e as representações políticas dos trabalhadores pode ser superada, em uma sociedade onde o espaço público parece sob o efeito da privatização generalizada? (Idem).

A passagem do Livro I ao Livro III do *Capital* conduz, segundo Bensaïd, da bipolaridade simples da relação de exploração entre as classes fundamentais à articulação da reprodução conflituosa da totalidade, ou da estrutura nua à realidade complexa da classe, ou seja, das “classes econômicas” às “classes sociais”: “As classes se manifestam concretamente, no conjunto de suas determinações, ao nível da reprodução do todo” (Bensaïd, 1995, p. 113).

Concretamente, uma forma de enxergar esse “todo”, esse “conjunto” das relações sociais, ocorre na medida em que a referência à quantidade de trabalho socialmente necessário pressupõe a violência. Nesse caso, as relações de força, a venda da força de trabalho, o valor, não são categorias econômicas separadas, mas categorias “sócio-históricas”. O mercado deixa de ser uma relação natural em oposição à artificialidade do Estado, mas se revela ele próprio como uma instituição resultante de um ato político: “troca e mercado pressupõem organicamente o contrato, portanto, a dimensão jurídica” (Idem, p. 113).

Assim, pode-se considerar que, desde o início, existe a articulação específica entre a divisão do trabalho e o complexo das instituições. Não se trata simplesmente da vigilância *a posteriori* dos impulsos naturais do mercado pelo Estado “guarda noturno”. Essa articulação deixa clara a diferença entre “classe” no sentido “estrito” e “classe” no sentido “amplo”:

no sentido amplo, castas, ordens e estados especificam a luta das classes num modo de produção determinado (feudal, asiático, antigo). A afirmação geral segundo a qual toda história é a história das lutas de classes não significa que o que constitui uma classe social seja idêntico em todo tipo de sociedade de classe (Idem, p. 113)

As divisões entre as classes não podem ser delimitadas estatisticamente como linhas em uma espécie de mapa da sociedade. É justamente por isso que as discussões sobre casos limites e sobre o pertencimento individual de classe deste ou daquele sujeito são, frequentemente, inúteis. Há aí os efeitos da mobilidade social, classes de surgimento precoce, classes em via de desaparecimento, classes em formação, todas vinculadas a modos de produção diversos e sobrepostos numa mesma formação social (de resto, Bensãid lembra que a formação social real nunca se reduz ao simples esqueleto do modo de produção: “a polarização atua sem, entretanto, reabsorver o espectro das posições, *status*, classes intermediárias, que complicam a frente de classe” (1999, p. 161)). Mas o essencial a observar aqui é o nível sócio-político, menos abstrato, da estruturação: trata-se da

luta que determina retroativamente a relação de exploração a partir da esfera da produção e que pressupõe os resultados da circulação e da reprodução geral.

Bensaïd lembra que a dupla determinação de conceitos “é frequente em Marx”. Um significado geral e abstrato e um significado específico e concreto. Assim, por exemplo, o trabalho produtivo que é, em geral, produção de valores de uso, torna-se especificamente, no modo de produção capitalista, trabalho que se troca por capital. O mesmo vale, assim, para o conceito de classe. Compartilhando as reflexões de Maurice Godelier, Bensaïd sustenta que há dois usos do termo em Marx. Um designa as realidades históricas específicas, os grupos sociais originados pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista e da dissolução do modo de produção feudal, ou seja, as “classes no sentido estrito”. O outro designa as realidades históricas análogas às classes da sociedade capitalista e, portanto, não é específico, mas “metafórico em alguma medida”, já que o termo assimila apenas as semelhanças, não as diferenças (1995, p.116).

Os dois usos figurariam, por exemplo, segundo Bensaïd, tanto na *Ideologia Alemã* quanto no *Manifesto Comunista*, mas nas medidas inversas: na primeira, a distinção entre “ordem” e “classe” seria cuidadosamente feita e é o conceito específico que predomina; no segundo, panfleto de combate, é o conceito genérico de classe o principal (Idem, p.116). Nesse segundo sentido, a fórmula é aceitável se a palavra “classe” tiver um sentido amplo, que englobe formas diferentes de agrupamentos sociais (castas, clãs, ordens, estados, status) “e não apenas as ‘classes modernas’, que pressupõem o ‘trabalhador livre’ e as relações de produção capitalistas” (Bensaïd, 2013, p. 56). Assim, Marx sugere que vejamos de maneiras diferentes o que já era conhecido pelos historiadores. A palavra “classes” teria sido empregada por ele, em determinados contextos, justamente para que uma categoria como a de “ordens”, por exemplo, fosse entendida por outra perspectiva.

Bensaïd considera que a questão da “luta de classes” está no centro do pensamento de Marx, a despeito da dificuldade dada em se encontrar em sua obra definição precisa para a noção de classe social. Para o filósofo francês, as últimas e interrompidas páginas de

O Capital “deixam em aberto” questões promissoras sobre o desenvolvimento das classes nas sociedades capitalistas mais avançadas (transformações e diferenciações internas). Marx teria deixado registrada em sua atividade política e intelectual, entretanto, uma “teoria em ato” das classes, muito distante das definições simplificadas que já se propuseram desde *O Capital*. (Bensaïd, 1999, p.144).

No caminho do abstrato ao concreto, a teoria das classes não se reduz a simplificações formais e definições estanques, mas representa um “sistema de relações estruturado pela luta”. A complexidade desse sistema, em seu emprego analítico, estaria presente no desenvolvimento de seus escritos políticos, em que “Marx oferece a última palavra sobre a questão” (Idem, p.145).

Para chegar a essa conclusão, Bensaïd sustenta que a oposição entre trabalho assalariado e capital se encontra no primeiro nível de abstração da crítica da economia política de Marx, ou seja, o da esfera da produção. Tal oposição simples não se situa, assim, na dimensão concreta da formação social, mas apenas na primeira etapa da reflexão marxiana. Não se limitando a essa etapa, portanto, os contornos sobre as relações de força que caracterizam a interação recíproca das classes sociais ganham conotações mais profundas ao longo da obra.

A abordagem marxiana recusaria enxergar a classe social como uma pessoa, um sujeito unificado e consciente: “não há classe senão na relação conflitual com outras classes” (Idem, p. 149). Não há classe como “grande sujeito”, não há classe como “rede interindividual”, não é possível delimitar objetivamente as classes sociais como num procedimento de objetividade pura. *O Capital*, para Bensaïd, é uma “exposição não sociológica”.

Se, de um lado, a ausência de contornos empíricos estaticamente delimitáveis para as classes sociais e sua natureza relacional tornam inútil o cientificismo sociológico em sua análise, de outro não faltam as divagações genéricas, inócuas e até mesmo prejudiciais para as lutas possíveis dos trabalhadores. Sobre isso, Daniel Bensaïd dirige uma crítica específica ao notório conceito de “multidão” de Antonio Negri e Michael Hardt (Negri; Hardt, 2005).

Para Bensaïd, a noção de “multidão” seria praticamente inútil, dada a sua confusão e imprecisão, “estrategicamente oca” (Ben-

saïd, 2006, p. 46). Na crítica à noção de Hardt e Negri, afirma que o “marketing pós-moderno” pode inverter a ideia de pluralidade para transformar cada diferença em oportunidade de consumo, pode transformar a causa das “diversidades” em operação lucrativa. Bensaïd refuta também o que considera ser, nos dois autores, a “invocação lírica de contra-poderes locais” porque podem muito facilmente se tornar impotentes diante do “poder puro e duro” (Idem, p.62). Critica a oposição proposta por eles entre “povo” (que consideram homogêneo, indiferenciado, construção conservadora) e “multidão” (composta por individualidades e multiplicidades irreduzíveis).

Ao fazerem do “pobre” em geral o fundamento da “multidão” e também o “fundamento de toda a possibilidade da humanidade”, Hardt e Negri estariam revelando um “populismo regressivo”. Para Bensaïd, a indeterminação conceitual existente em torno da noção de “multidão” contribui para esconder um grande vazio estratégico. Na imprecisão da análise que opõe a “multidão” ao “Império” não se encontram mais as mediações políticas. Desaparecem o Estado-nação, os partidos, os sindicatos e toda forma organizada de luta política: “se a política é a arte da mediação, o que resta quando ela é suprimida? Decretar a fusão do político com o social ignora a dificuldade, em vez de resolvê-la” (Idem, p. 63). Considerar que o movimento da multidão criará as formas democráticas de um novo poder é apresentar um ponto de vista excessivamente impreciso, vago, diante dos desafios da época.

Bensaïd salienta a ausência de análise, em Hardt e Negri, das derrotas sociais e políticas sofridas pelo proletariado diante das contrarreformas neoliberais dos anos 1980 (derrotas que não fizeram, até hoje, senão se aprofundar...). Não se trata, para Bensaïd, de uma pura “querela escolástica”, mas de avaliar com precisão o significado prático deste debate, das implicações estratégicas das categorias que reivindicam. Para ele, o radicalismo formal, que espera não se sabe quais formas de organização ou de perspectiva de poder, termina por ser muito conveniente a *realpolitik* conservadora.

Daniel Bensaïd e suas obras são o exemplo fecundo de uma perspectiva marxista crítica que não deixa espaço para a imposição de teorias enrijecidas, esquemáticas, essencialistas, dicotômicas.

Seu trabalho é, entre outras tantas coisas, uma forma de combate político e teórico àqueles que tentam reduzir a obra de Marx seja ao campo da mera indignação moral, seja aos compêndios de história das ideias. Mas é também, e principalmente, uma contribuição central para a resistência contra a (sempre) atual crise civilizatória.

1.2. O dossiê

Apresentemos algumas palavras sobre os seis artigos que compõem este dossiê. *Cinzia Arruzza e Patrick King* tratam da questão das classes sociais em Daniel Bensaïd chamando a atenção para o pouco interesse dos pesquisadores, até aqui, para este aspecto de sua obra. Propõem corrigir esta lacuna localizando o pensamento de Bensaïd na senda do antideterminismo político e teórico aberto às diversas expressões das lutas de classes. *Michael Löwy* destaca os aspectos inovadores do marxismo de Bensaïd, através de sua reinterpretação da obra de Marx com base em autores como Blanqui, Benjamin e Péguy. Salienta as concepções originais de Bensaïd concernentes à luta de classes e ao caráter da revolução na história. Defende a visão que o filósofo francês teria da revolução, como uma aposta histórica. *Fabio Mascaro Querido* apresenta um estudo biográfico da trajetória política de Bensaïd, destacando aspectos importantes e desconhecidos de sua fase juvenil, momento em que, segundo o autor, Bensaïd teria atravessado sua fase benjaminiana, com traços permanentes a partir daí em sua obra. *Dellai Sameh* faz uma comparação entre dois dos mais importantes escritos de Daniel Bensaïd, os livros “Marx l’Intempestif” e “La discordance des temps”, os quais são apresentados aqui como possuindo praticamente a mesma lógica de conteúdo e desenvolvimento, principalmente sobre a temporalidade histórica. *Gustavo Seferian* mapeia o tema dos direitos humanos na obra de Bensaïd, apresentando a visão do filósofo francês a respeito do tema, como tratando-se de uma promessa burguesa inconclusa e, ao mesmo tempo, um elemento de luta por reivindicações, ainda que nos limites políticos da sociedade capitalista. *Stavros Tombazos* aborda com detalhes a questão das diferentes temporalidades históricas apresentadas por Bensaïd quanto

ao método de Marx; trata da relação coetânea do presente com as determinações do passado e as possibilidades abertas do futuro da ação política na história.

Por meio deste dossiê esperamos não apenas prestar uma homenagem mais do que merecida, mas contribuir para o estímulo à leitura e ao debate da obra de Bensaïd, bem como para a reflexão teórica e a ação política inspirada em suas posturas, em suas convicções, em sua vida.

REFERÊNCIAS

- BENSAÏD, D. *Marx: manual de instruções*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Plebes, classes, multitudes*. Santiago de Chile: Ediciones Palinodia, 2006.
- _____. *Marx, o intempestivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. *La discordance des temps*. Paris : Les editions de la passion, 1995.
- BENSAÏD, D.; BESANCENOT, O. *Prenons parti : pour un socialisme du XXIe siècle*. Paris : Mille et une nuits, 2009.
- NEGRI, A.; HARDT, M. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.